

Prisões vigiadas por traficantes armados Cesar Caldeira

Estudo feito a partir de inspeções nas unidades prisionais da rua Frei Caneca, centro da cidade do Rio de Janeiro durante os anos de 2004-2005. Revela a vulnerabilidade externa das prisões detalhando resgates de presos por suas facções criminosas e o domínio militar dos traficantes sobre o território circundante. Evidencia a ausência de guardas policiais militares nas guaritas e a vigilância diária de traficantes armados sobre os servidores públicos e detentos. Através de entrevistas apresenta as percepções dos agentes penitenciários e dos técnicos (médicos, assistentes sociais, psicólogos, professores) sobre suas condições de trabalho.

O descontrole estatal sobre as prisões é analisado num período de onze anos (1994-2005), situando a emergência de facções criminosas e seus conflitos, dentro e fora das prisões. Critica a tese de que a facção adversária faz contenção de fugas e resgates nas prisões do Rio. Apresenta um quadro das políticas anti-facções adotadas desde 2003 e oferece recomendações sobre os problemas analisados, situando-os na área da segurança pública.

Prisões vigiadas por traficantes armados

Cesar Caldeira

Traficantes armados com fuzis vigiam as unidades prisionais da rua Frei Caneca, na área central da cidade do Rio de Janeiro. As guaritas estão desguarnecidas ou têm policiais militares que tentam se proteger da ameaça externa. Nas unidades penitenciárias estão funcionários públicos desarmados que são alvos de disparos de armas de fogo dos traficantes.

A Penitenciária Pedrolino de Oliveira tem uma guarita que permanece desguarnecida à noite. Durante o dia, esta guarita está também, quase sempre, sem um policial militar. No pátio, abaixo da guarita, há duas cabines onde ficam dois agentes penitenciários próximos dos dois portões que os isolam dos presos. As cabines estão esburacadas por disparos de fuzis. Nos dias 4 de junho e 13 de julho de 2004, traficantes liderados por Gangan, da facção criminosa Amigo dos Amigos (ADA), resgataram seus comparsas a partir dessa guarita. Nos dois incidentes prisionais foram resgatados 9 detentos.

No dia 4 de junho de 2004, um dos agentes conseguiu sobreviver aos disparos escondido na cabine. Outro correu sob tiros e deu o alarme para o setor de segurança da Unidade.

- O senhor está bem? - perguntei a um agente negro, de cabelos embranquecidos, que estava sob o sol forte, no dia 21 de fevereiro de 2005, dentro da cabine alvejada.

- Estou com Deus, doutor. Estou bem.

Saiu do cubículo com a Bíblia que anteriormente folheava.

- O senhor se sente protegido?

- Deus me dá proteção - afirmou apontando para o Livro Sagrado.

- A todos nós. Sou católico e leio a Bíblia também. Mas além da fé, precisamos tomar providências para que esta área que já foi atacada há sete meses fique menos vulnerável. O policial militar não está na guarita¹ agora. Ele não veio hoje?

- Não.

- Tem geralmente um PM lá?

- Não. Às vezes, aparece um de dia. Fico meio assustado. Pode ser um bandido. À noite a situação se complica mais. Doutor, o senhor imagina uma pessoa chegando na guarita de roupa escura. A gente não sabe se é bandido ou PM. Dá vontade de soar o alarme².

- Há um DPO³ mais acima, na trilha que leva até a rua no morro do Zinco. Ficam sete PMs lá dentro, certo?

- Não sei, doutor. Nós não temos comunicação com o DPO.

- Mas o DPO é o último obstáculo antes da tomada da guarita desguarnecida. Não

é possível saber se tem guardas lá dentro?

- O Batalhão não nos informa.

- Eu poderia subir até lá para verificar se os policiais⁴ estão no DPO?

- É muito perigoso. Tem que subir pelo morro que é controlado pelos soldados do tráfico. Dizem até que os policiais ficam agachados lá dentro, atrás de uma chapa de aço.

1 A facção criminosa adversária que domina o morro faz contenção de fugas e resgates?

¹ Esta guarita fica acima do abrigo PM2 dos agentes da Penitenciária Pedrolino de Oliveira. Nos dois resgates, realizados em junho e julho de 2004, não havia um policial militar nesta guarita.

² O agente penitenciário é responsável pela custódia dos presos. Em termos de segurança, a tarefa principal do agente penitenciário é *soar o alarme*, o que leva a Coordenação de Segurança a mobilizar-se, buscando reforços com o Grupo de Intervenções Táticas, BOPE, e outros para evitar resgates, fugas, motins, etc. *Não é função do agente penitenciário – que trabalha desarmado – conter militarmente os incidentes prisionais.* Cabe aos policiais militares, nas guaritas e passadiços, a *contenção* inicial naqueles casos.

³ DPO que significa Destacamento de Policiamento Ostensivo é a sigla usada pelos agentes e pelos moradores. O nome oficial agora é Posto de Policiamento Comunitário. Foi trocado para amenizar o tom aguerrido da antiga sigla.

⁴ Os policiais militares precisam ser selecionados e supervisionados com rigor. Um escândalo marcou a história recente do DPO do Morro de São Carlos. “O sargento Hamilton da Silva Matos, 41 anos, era esperado às 8h de ontem para o plantão no Destacamento de Policiamento Ostensivo, no alto do Morro de São Carlos, no Estácio. Segundo policiais, Matos passou no 1º BPM (Centro), vestiu a farda e mudou o rumo: seguiu para a rua Deputado Soares Filho, na Tijuca, a quatro quilômetros de onde deveria estar protegendo cidadãos. Por volta das 10h30, o policial militar deu cobertura a três assaltantes que levaram R\$ 15,8 mil e uma pistola de uma concessionária de carros. Após trocar tiros com policiais pelas ruas do bairro, o PM acabou preso por policiais militares do 6º BPM (Tijuca) e será investigado por roubo, resistência à prisão e formação de quadrilha na 18ª DP (Praça da Bandeira).” Cf. MARTINS, Marco Antônio. “Faltou ao trabalho e foi roubar. PM fardado dá cobertura para quadrilha levar R\$ 15 mil de loja na Tijuca”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 21/07/2004, p. 13.

O descontrolo estatal sobre o território do complexo de favelas do São Carlos promove uma hipótese bizarra, difundida entre as autoridades de segurança prisional: os presos não serão resgatados porque o morro é controlado por uma organização criminosa rival. Afirma-se também que os presos não fugirão porque podem cair nas mãos de bandidos inimigos. Esse argumento explica em parte a política de transferências de presos por facções criminosas nas unidades da rua Frei Caneca e outros locais.

O presídio do Galpão da Quinta da Boa Vista (Evaristo de Moraes) abriga hoje presos do Terceiro Comando. Seguindo a lógica de que o controle do território que circunda a prisão pela facção criminosa adversária é um “mecanismo de contenção de fugas e resgates de presos”, a área controlada pelo Comando Vermelho – o complexo do Morro da Mangueira – deixa de ser uma rota de fuga e resgate para esses presos. Por isso, as autoridades antecipam que fugas somente serão feitas para dentro do Zoológico da Quinta da Boa Vista.

As autoridades políticas, paulatinamente, abdicaram de impor a soberania do Estado sobre o território das favelas no Rio de Janeiro, inclusive na área de segurança penitenciária. A história da Penitenciária Milton Dias Moreira ilustra este aspecto do problema e esclarece também porque, a partir do primeiro dos governos Garotinho, foram construídas Casas de Custódia (locais para manter presos ainda não sentenciados).

1.1 Milton Dias Moreira: comprada ou rendida?

Em 1994, a Penitenciária Milton Dias Moreira, a maior unidade da rua Frei Caneca, abrigava cerca de mil condenados ligados ao Comando Vermelho.⁵ Quatro das principais lideranças da facção, inclusive o traficante Celsinho da Vila Vintém (Padre Miguel), fugiram, provavelmente pela portaria, com a ajuda de guardas do Desipe. Celsinho já era visto como um delinqüente de alta periculosidade, mas adotou-se na época uma “política de rodízio de presos de Bangu I para outras unidades menos vigiadas”⁶. Na época, o governador era Nilo Batista, que assumiu a vaga do candidato a presidente Leonel Brizola. A diretora do Desipe, Tânia Dahmer Pereira afirmava então que todas as 8.500 vagas do sistema penitenciário estavam ocupadas.⁷

Em outubro de 1994, forma-se a facção Amigos dos Amigos (ADA). Suas lideranças mais conhecidas são dois ex-membros do CV: Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, e Celsinho

⁵ Onze anos antes, no primeiro governo Brizola, as lideranças do Comando Vermelho foram isoladas na área mais protegida da Penitenciária Milton Dias Moreira, a Divisão Especial de Segurança. A reação veio devido à política adotada pela facção criminosa de matar presos, na Ilha Grande e no complexo da Frei Caneca, para desestabilizar o governo. Mas com a fuga de Escadinha por um túnel cavado na própria cela e a tentativa de fuga do dia 8 de novembro de 1983, foi constatado que o Anexo I da Penitenciária Milton Dias Moreira não era suficiente para conter o CV. Trinta e três lideranças foram enviadas, no dia 10 de novembro de 1983 para a Ilha Grande. Cf. AMORIM, Carlos. *Comando Vermelho: a história secreta do crime organizado*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, pp. 157-58. A política de extermínio de presos para desestabilizar ou pressionar a política de segurança pública e prisional voltou a ser usada pelas lideranças do Comando Vermelho, presas em Bangu 3, no massacre de pelo menos 30 presos na Casa de Custódia de Benfica em 2004.

⁶ “Quatro líderes do Comando Vermelho fogem de prisão no centro do Rio”, *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 01/11/2004, p. 3-2.

⁷ ESCÓSSIA, Fernanda da. “Presídios não têm 300 vagas a mais”, *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 04/11/1994, p. 3-1. Mensalmente o DESIPE abria cerca de 150 vagas, resultantes de livramento condicional ou término de pena. Em dezembro de 1994 foi inaugurada a Penitenciária Bangu II com 600 vagas.

da Vila Vintém.⁸ Entre 1997 e 98 a organização se expande com a adesão de presos que estavam no “castigo”⁹ no Presídio Hélio Gomes.

O Comando Vermelho e o Terceiro Comando – as duas principais facções criminosas da década de noventa - tinham dissidências em 1997. Na época, o CV estava alojado na Milton Dias Moreira, Bangu 2 e Vicente Piragibe. Em Bangu 1, ocupava duas das quatro galerias. Havia uma orientação dos líderes para que os condenados ligados à facção evitassem fugas e rebeliões. Porém, mortes recentes em Bangu 1 e 2 já tinham mostrado, segundo a polícia, que o Comando Vermelho Jovem (CVJ) crescia a ponto de pôr em xeque o poder de antigas lideranças. Liderado por Marcio Santos Nepomuceno (Marcinho VP) - traficante que *desde 1995* tentava distribuir crack no Rio de Janeiro¹⁰ - o CVJ não seguia as orientações da organização. Um túnel subterrâneo com 15 m de comprimento, que seria usado para fuga, foi descoberto no dia 20 de junho de 1997 na Penitenciária Milton Dias Moreira, que abrigava cerca de 950 presos. A existência de planos de fuga era um indício a mais de que as lideranças do crime estavam perdendo o controle sobre seus "exércitos".

O Terceiro Comando, outra dissidência do CV, dominava em 1997 os presídios Hélio Gomes, Lemos de Brito e Esmeraldino Bandeira. A facção jovem do comando (TCJ) era suspeita de duas mortes no Hélio Gomes. Há indícios que 1997 - ano da inauguração da penitenciária de segurança máxima Bangu 3¹¹ - foi importante na rearticulação das redes criminosas cariocas.

Uma evasão notável ocorre em 1998. O traficante e seqüestrador Celsinho da Vila Vintém escapou pela porta da frente do Hospital Penitenciário Fábio Soares Macedo. “Na cadeia tudo se resolve com dinheiro”, afirmara anteriormente Celsinho, condenado a 18 anos por tráfico de drogas e por homicídio. A fuga teria custado R\$ 1 milhão de propina.¹² Em 1998, há ainda notícias de planos e tentativas de fuga das unidades da rua Frei Caneca.¹³

Em 1999, toma posse o governador Anthony Garotinho, que governa até abril de 2003. Fugas de delegacias super lotadas de presos, inclusive na zona sul do Rio, eram um problema a ser resolvido. Idealizada pelo sub-secretário de Segurança Pública, Luiz Eduardo Soares, a Delegacia Legal se tornou uma prioridade no governo Garotinho. O novo modelo previa a presença de um administrador e atendimento informatizado nas delegacias. Os presos que estavam nas antigas delegacias seriam postos em Casas de

⁸ Ler: BARCELOS, CACO. “Abusado: o dono do morro Dona Marta”, Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003, p. 293.

⁹ Segundo depoimento de um analista que trabalhava no Presídio Hélio Gomes naquela época, estes presos estavam separados dos membros das facções CV e Terceiro Comando.

¹⁰ “Polícia apreende crack na Baixada”, *Jornal do Brasil*, 2ª ed., caderno Cidade, 01/11/1995, p. 24. Esta era a segunda apreensão de crack do traficante Marcinho VP, chefe do tráfico na Favela Nova Brasília - parte do complexo do Morro do Alemão, em Bonsucesso. Marcinho pretendia lançar o crack no mercado de drogas do estado do Rio de Janeiro, que era supostamente proibido pelas lideranças mais antigas do CV.

¹¹ Sobre esta unidade, ler: CALDEIRA, Cesar. “Bangu 3: desordem e ordem no quartel-general do Comando Vermelho”, *Inteligência*, n. 22, jul. ag. set, 2003, p. 91-115.

¹² “A partir de 99, prender Celsinho, que goza de grande popularidade em Padre Miguel, passou a ser a missão número um do extinto Centro de Inteligência de Segurança Pública (Cisp). A investigação apontou o envolvimento de policiais militares na rede de influência do traficante. Apareceram nomes de soldados, cabos e sargentos e de policiais civis, além de um deputado estadual e de um juiz, em lista reservada entregue aos deputados federais da CPI do Narcotráfico.” Cf. “À sombra de Celsinho da Vila Vintém”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 07/08/2001, p. 18.

¹³ Cf. “Carta revela plano de fuga de presos para ver a Copa”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 04/06/1998, p. 21; “Princípio de rebelião tumultua Frei Caneca”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 05/10/1998, p. 29.

Custódia: a primeira delas foi a unidade Milton Dias Moreira. As declarações do secretário estadual de Justiça, Sérgio Zveiter dão o tom da empreitada política: “É uma mudança de filosofia. Com a criação das delegacias legais teremos uma nova estrutura. No final do governo, não teremos presos nas delegacias”.¹⁴

Mas para isso seria necessário construir rapidamente várias Casas de Custódia. Em 1999, sete mil presos aguardavam julgamento nas delegacias. As seis Casas de Custódia então programadas até fevereiro de 2000 teriam ao todo 4,1 mil vagas.

O secretário Sérgio Zveiter foi visitar a Penitenciária Milton Dias Moreira, que seria transformada em Casa de Custódia. A reportagem da época descreve o que encontrou:

Durante a passagem pelos três pavilhões da penitenciária, o secretário viu a proximidade da prisão com o Morro de São Carlos, de onde traficantes lançavam drogas e até armas para dentro do presídio. Na varredura feita depois da desativação, os agentes penitenciários encontraram facas, armas quebradas e até um arco de serra. Segundo explicou o agente Aldo Vilela, foram achados vários cafofos - buracos nas paredes onde eram escondidas armas e drogas.

No parlatório, onde detentos recebiam visitas íntimas, o sinal do poder do tráfico: Dias melhores virão. Fé em Deus, São Mateus 100%. Comando Vermelho (CV), rua já, era a inscrição nas paredes. Os cubículos (celas) mostram a diferença entre presos comuns e os frente de cadeia, ou seja, os líderes. Quem manda tinha de tudo, da televisão ao carpete e quarto azulejado.¹⁵

No dia 12 de novembro de 1999 foi inaugurado um pavilhão na Casa de Custódia Milton Dias Moreira para onde para 480 detentos seriam transferidos. Em 2001, as Casas de Custódia já estavam superlotadas. Na Casa de Custódia Jorge Santana, em Bangu, por exemplo, 800 presos se amontoam em lugar projetado para 300.¹⁶

No dia 27 de janeiro de 2000 ocorreu uma fuga espetacular de nove detentos da Casa de Custódia Milton Dias Moreira e da Penitenciária Pedrolino de Oliveira, onde ficam presos ex-agentes de forças de segurança (policiais, agentes penitenciários e bombeiros). O complexo do São Carlos era, na época, dominado pelo Comando Vermelho. Os três

¹⁴ “Casa de Custódia pronta em setembro”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 20/08/1999, p. 22.

¹⁵ PINHEIRO, João. “Penitenciária desativada estava cheia de armas”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 24/05/1999, p. 21.

¹⁶ Cf. “Além das Grades”, *Jornal do Brasil*, editorial, 01/11/2001, p. 8.

internos que fugiram da Casa de Custódia pertenciam a esta facção e serviram como salvo-conduto para a fuga dos ex-policiais.¹⁷ Ocorreram inúmeras falhas na segurança.

A fuga foi denunciada à Polícia Civil com seis horas de antecedência, mas não foi informada ao Desipe porque o policial de plantão no Centro de Comunicação de Polícia Civil (Cecopol) não possuía o telefone do departamento.

Apenas dois policiais militares - cada um em uma guarita nos fundos do presídio - cuidavam da segurança do Complexo penitenciário da Frei Caneca.¹⁸

Apesar dos oito agentes penitenciários de plantão, ninguém viu os três primeiros presos, que escaparam da Casa de Custódia Milton Dias Moreira, invadirem o presídio Pedrolino Werling de Oliveira, libertando os outros seis presos.

Cerca de dez bandidos que participaram do resgate dos presos jogaram uma corda sobre o muro do presídio e ninguém viu a movimentação. Os presos subiram ao telhado de onde desceram pela corda, amarrada a uma árvore a mais de vinte metros de distância, usando os cadeados para escorregar para fora da Unidade.

Apesar do tiroteio, os policiais militares que estavam na guarita e os agentes não conseguiram reforços a tempo de impedir a fuga.

Os três presos da Casa de Custódia serraram as grades para fugir, mas nenhum material foi encontrado na cela. Como eles conseguiram serrar as grades, ainda é mistério para a polícia.

Os presos da Casa de Custódia conseguiram pegar alteres numa sala de musculação para quebrar os oito cadeados que prendiam os outros seis presos do presídio Pedrolino. Nenhum dos oito agentes penitenciários ouviu qualquer barulho.

Das quatro equipes do Cinap, três estavam no Maracanã e a outra vigiando a irmã de Fernandinho Beira-Mar. Nenhuma das equipes do Maracanã foi deslocada apesar da gravidade do problema.¹⁹

Houve também um pequeno detalhe que revela falha no planejamento da fuga: “O patrocinador da escapada, ex-policial conhecido como Bispo, foi deixado para trás. Depoimentos revelaram que, depois de pagar caro pela liberdade, e se arrumar todo para a

¹⁷ “Fugitivos usaram salvo-conduto”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 29/01/2000, p. 17.

¹⁸ Conforme se lê no início deste artigo, em fevereiro de 2005 estava presente apenas um policial nesta área.

¹⁹ Ler: “Uma seqüência de falhas na segurança”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 28/01/2000, p. 19; FRAGA, Helton e MARQUES, Mônica. “Polícia não evita fuga anunciada: detetive do Centro de Comunicação que recebeu o alerta disse que nada fez porque não tinha o telefone do DESIPE”, *idem*.

hora decisiva, Bispo foi esquecido. Sua cela ficava muito longe e não deu tempo de chamá-lo”.²⁰ Cada preso teria pago R\$ 300 mil pela liberdade.²¹

Em abril de 2000, o presidente do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB), João Luiz Duboc Pinaud, assumiu o cargo de secretário estadual de Justiça, no lugar de Antônio Oliboni, afastado por suspeita de ter favorecido a Brasal-Empresa Brasileira de Alimentação Ltda, fornecedora de “quentinhas” para o estado.²² Em outubro de 2000, a Casa de Custódia Milton Dias Moreira, originalmente concebida para 650 presos, estava superlotada com 1.450 homens.²³

Um ano depois, Pinaud ocupava o cargo de secretário de Direitos Humanos e Sistema Penitenciário.²⁴ A presidente da 1ª Central de Inquiridos do Ministério Público, Mônica Costa Di Piero, cobrava do dele mais pressa na criação de vagas em Casas de Custódia. Em setembro de 2001, o governo do Estado havia se comprometido, “num termo de ajuste criminal, a abrir três mil vagas para presos temporários”²⁵ até dezembro de 2001. Pinaud admitiu, porém, que não seria possível cumprir o prometido: somente 1.500 novas vagas no sistema estavam garantidas nesse prazo.

Ao contrário do complexo de Bangu, onde importantes rebeliões ocorreram²⁶, as unidades prisionais da rua Frei Caneca estiveram relativamente tranqüilas durante os anos 2001 e 2002. A exceção foi o Presídio Hélio Gomes onde a facção Terceiro Comando Jovem (TCJ) causou inúmeros problemas. Há registro, por exemplo, de uma tentativa de fuga de presos do Presídio Hélio Gomes em julho de 2001 durante uma greve dos agentes penitenciários. Dezenas de detentos tentaram escapar por um buraco de 40 cm, mas a PM impediu a fuga.²⁷

No fim da noite de domingo, 12 de agosto de 2001 um motim, no Presídio Hélio Gomes, envolveu mais de quatrocentos detentos e durou oito horas. Começou quando três agentes penitenciários faziam uma vistoria de rotina. Dominados, eles foram encapuzados e usados como reféns. Os rebelados diziam que matariam 19 membros da facção criminosa TCJ, caso eles não fossem transferidos para outras unidades. Mais de cem policiais cercaram a área, fechando as ruas próximas. O diretor do Departamento de Sistema Penitenciário (Desipe), Manoel Pedro da Silva, e o secretário estadual de Direitos Humanos e Sistema Penitenciário, João Luiz Duboc Pinaud, entraram no Presídio precedidos de um contingente de 60 soldados do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e do Batalhão de Choque (BPChoque). Às 8h da segunda-feira, os presos puseram fim à rebelião e se entregaram, alguns carregando bíblias. No final do motim, havia oito presos feridos. Várias

²⁰ NUNES, Luciana. “Relento”, *Jornal do Brasil*, 2ª ed. Informe JB, 29/01/2000, p. 6.

²¹ “Presos tiveram ‘ajuda técnica’ de bombeiros”, *Jornal do Brasil*, 29/01/2000, p.1.

²² “Pinaud na Justiça”, *Jornal do Brasil*, caderno Política, 12/04/2000, p. 4.

²³ “Nomeado novo diretor do Desipe”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 14/10/2000, p. 15.

²⁴ A Secretaria de Justiça foi dividida em duas: a Secretaria de Justiça e a Secretaria de Direitos Humanos e Sistema Penitenciário.

²⁵ “Estado não cumprirá promessa”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 30/10/2001, p. 19.

²⁶ Para uma análise detalhada do período, e em particular da atuação do Comando Vermelho, ler: CALDEIRA, Cesar. “A política do cárcere duro: Bangu 1”, in *São Paulo em Perspectiva- revista do SEADE*, n.1, jan. mar. 2004, p. 87 – 102.

²⁷ “PM ocupa 15 presídios do Rio e de Niterói e assume a direção de sete”, *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 27/07/2001, p. C3.

celas e galerias destruídas.²⁸ Dois agentes do Desipe e dois operários foram feitos reféns, no dia seguinte²⁹, quando reparavam estragos do causados durante o motim. Os presos da facção TCJ foram transferidos do Hélio Gomes, mas até 2005 este grupo de detentos *tenta retornar à unidade*.

A eleição da governadora Rosinha Garotinho trouxe importantes mudanças na política penitenciária, que passou a ser norteadada pela urgência em restabelecer a disciplina e a segurança nas prisões. Através do Decreto nº 32.621 de 1 de janeiro de 2003 é criada a Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), o que sinalizava a importância que o sistema penitenciário assumira.³⁰ O Secretário Astério Pereira dos Santos estabeleceu objetivos claros para sua administração³¹ e um plano de ação³², mas não tem recursos suficientes para implementá-los.³³ Entre os objetivos proclamados pelo Secretário se inclui, desde o início de sua gestão, o de retirar as unidades prisionais do centro do Rio.³⁴ Apesar dos esforços e negociações em andamento, até o início de março de 2005, não se conseguiu transferir os presos da área.

1.2 A situação de vulnerabilidade externa das unidades da rua Frei Caneca desde 2003

²⁸ SOARES, Nelson. “Oito presos feridos em motim”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 14/08/2001, p. 18.

²⁹ “Presos fazem reféns no Presídio Hélio Gomes”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 16/08/2001, p. 21.

³⁰ “Uma secretaria só para presos: Governadora eleita anuncia pasta especial para cuidar do sistema penitenciário”, *O Globo*, caderno Rio, 26/12/2002, p. 12.

³¹ O Secretário Astério Pereira dos Santos apresentou seus objetivos administrativos em palestra gravada na UCAM-Ipanema no dia 5/5/2003. “Os principais objetivos da política penitenciária são: 1. Não restringir a ação do Estado a providências contra fugas e motins mas sim, respeito à integridade física e moral conforme mandamento constitucional; 2. Elaborar projetos de reforma das legislações federal e estadual de forma a compatibilizar os princípios legais à realidade penitenciária; 3. Integrar o sistema penitenciário na política governamental de defesa da sociedade; 4. Tornar efetivo o cumprimento das penas restritivas de direito; 5. Não permitir o recolhimento de presos provisórios e condenados nas delegacias policiais; 6. Implantar o exame de classificação para os condenados tornando-os premissa fundamental para o tratamento penitenciário a ser aplicado; 7. Agilizar os processos de saída de presos recolhidos aos estabelecimentos prisionais, tornando mais céleres as tramitações dos livramentos condicionais, indultos, das progressões de regime e da remição; 8. Não deferir privilégio ou fazer discriminação ao condenado no curso do cumprimento da pena; 9. Obedecer nos projetos de edificações penitenciárias aos modernos princípios da arquitetura prisional com vistas, principalmente à racionalização dos custos, a localização adequada e à segurança compatível.”

³² Ler: “Relatório de gestão – 2004” SEAP, Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2005, 193 p.

³³ Ler: “Briga de Garotinho e Cesar pode cancelar convênio: Prefeito diz que, se governadora não desmentir marido, acabará com acordo que prevê repasse de R\$100 milhões”, *O Globo*, caderno Rio, p.17; “A conta que a cidade vai pagar: Rompimento de convênio entre estado e prefeitura pode causar impacto na segurança e também na economia”, *O Globo*, caderno Rio, 29/09/2003, p. 10. Por outro lado, o governo federal não liberou até o final do mês de setembro cerca de R\$ 40 milhões para o Estado do Rio. Cf. “Ministro da Justiça admite liberar verba para o estado: Governadora volta a Brasília para negociar com a União”, *O Globo*, caderno Rio, 29/09/2003, p. 11.

³⁴ “O centro da cidade não é o local ideal para a presença de unidades prisionais. Além disso, é importante que as prisões não fiquem tão próximas umas das outras. Descentralizá-las seria o melhor.” Cf. “Governo quer retirar presídios do centro da cidade”, *Folha on line*, 10/03/2003. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u70843.shtml>

1.2.1 Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho (Manicômio Judiciário)

O hospital Heitor Carrilho está entre as unidades mais vulneráveis, *em termos de segurança pública* da rua Frei Caneca. Atrás do hospital está a rua União, que tem um beco que leva à rua Oswaldo Melodia³⁵. No passado havia uma guarita onde ficava um policial militar. Com a militarização do tráfico, ocorreu um fato que é divulgado pelos que lá trabalham. Um major da polícia militar que foi fazer uma supervisão na área foi recebido por traficantes à bala. Seu motorista pulou da viatura e confrontou com tiros os bandidos, que se retiraram. Mas o major ficou imobilizado no carro por um súbito desarranjo intestinal. A partir desse episódio, o oficial ficou convencido que o local era de alto risco para qualquer policial e mandou retirar a guarita.

Um aterro de lixo da favela foi ocupando a área ao longo dos anos. Uma mera retirada de entulho pela COMLURB poderia ter evitado o que hoje lá se vê: o aterro chegou ao nível do muro do hospital Heitor Carrilho. Sem a presença de um policial militar no local, a área é hoje ocupada diariamente por três ou quatro traficantes armados que vigiam o acesso à favela e a movimentação no hospital.

Deste local, os traficantes vendem droga para internos do Heitor Carrilho e, através de um sistema de marimbas e carretilhas³⁶, até a Penitenciária Pedrolino de Oliveira. Dali ameaçam com armas os agentes penitenciários, e às vezes atiram para dentro da unidade.

Dois presos foram resgatados daquele ponto em 2003. Maurício Custódio Medeiros saiu puxado por uma corda atada a um carro.³⁷ Ox Paschoal Neto, 19 anos, escapou por uma escada que foi posta por seus comparsas no dia 2 de novembro de 2003.³⁸

O resgate de Ox gerou enorme embaraço para as autoridades. Filho de uma família de classe média alta e morador de Copacabana, o rapaz integrava uma quadrilha que assaltava apartamentos e hotéis. Uma de suas vítimas foi o Ministro do Superior Tribunal de Justiça, Luiz Fux, que foi ferido na face, na cabeça, no ouvido, nos braços e no joelho direito por golpes de marreta.³⁹ “O próprio presidente do STJ, ministro Édson Vidigal,

³⁵ Rua que homenageia o pai do cantor Luiz Melodia, que morava no morro de São Carlos.

³⁶ As carretilhas permitem que a droga vá numa direção e retorne com a quantia que remunera o vendedor.

³⁷ A Corregedoria da SEAP não obteve evidência de facilitação de fuga e o caso foi arquivado.

³⁸ “Preso acusado de roubar e agredir ministro foge”, *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 04/11/2003, p. C5.

³⁹ “Ministro do STJ é espancado durante assalto” *Folha de São Paulo*, caderno Brasil, 25/05/2003, p. A20.

telefonou para a governadora Rosinha Matheus para avisá-la da nova versão sobre a fuga do bandido. No STJ, sabia-se até o valor cobrado por funcionários do manicômio para facilitar a fuga: R\$ 50 mil”.⁴⁰ A Corregedoria da SEAP não obteve evidencia de facilitação de fuga e o caso foi arquivado. Hoje no local das duas fugas está uma tela que talvez seja adequada para evitar a fuga de galinhas.

O hospital foi também local de duas outras fugas inesquecíveis. Em 1997 escapou, durante um jogo de futebol em que praticamente toda a direção da unidade participava, o maníaco sexual Marcelo Costa de Andrade, um “serial killer”. Conhecido na época como o Vampiro de Niterói, Marcelo matou e depois violentou 15 meninos, entre 8 e 15 anos, naquela região em 1991.⁴¹ “Fugi pelo portão, que estava aberto”, disse ele em entrevista à Rede Manchete.⁴²

Por último existe a evasão do falsificador de quadros Michel Cohen, que ainda está sendo apurada mas com fortes indícios de facilitação de fuga.⁴³ O francês Michel Cohen fugiu, no fim da tarde de 8 de dezembro de 2003, quando era levado por um agente penitenciário e uma enfermeira para o Hospital Souza Aguiar, no Centro do Rio. O falsificador simulou que passara mal e que tinha câncer. O diretor do Hospital Heitor Carrilho autorizou que o falsificador fosse conduzido no carro *particular*, de quatro portas, do agente, ao Hospital Souza Aguiar. O suposto paciente, quando o carro parou em um sinal, – até próximo de uma cabine da PM – abriu a porta e se foi. Sequer um tiro foi disparado para impedir a evasão.

A importância internacional da fuga de Michel Cohen talvez nem possa ser avaliada pelas matérias publicadas na imprensa nacional ou internacional. O mundo dos *marchands* reúne pessoas e instituições que querem manter sigilo, principalmente se negociaram seu quadro verdadeiro e ficaram com um falso. Por isso, não se terá nunca a verdadeira dimensão do que ocorreu. A notícia publicada no jornal *O Globo*, quando o falsificador foi preso era a seguinte:

Policiais da Interpol de Brasília e agentes da Polícia Federal do Rio prenderam ontem o francês Michel Cohen, de 50 anos, foragido da Justiça dos Estados Unidos, onde foi responsável por fraudes milionárias. Michel, que estava morando no Rio, num prédio na Avenida Vieira Souto, desde o início do ano, lesou várias galerias de arte, principalmente em Nova York, Los Angeles e Chicago. Para aplicar os golpes, usava três nomes falsos. Cohen pegava nas galerias de arte quadros em consignação para tentar

⁴⁰ Cf. COSTA, Célia e RANGEL, Rodrigo. “Caso Fux: polícia investiga facilitação de fuga”, *O Globo*, 06/11/2003. Disponível em:

<http://www.dpf.gov.br/DCS/clipping/novembro/CS%2006%20de%20Novembro.htm#n26518> Ox havia sido transferido para o hospital Heitor Carrilho 16 dias antes, após um *habeas corpus* concedido pela 7ª Câmara Criminal. O Secretário Astério Pereira se mostrou diversas vezes contrário a essa transferência. Consciente das denúncias de fuga, a juíza da 25ª Vara Criminal, Márcia Perrine Bodart foi contrária à transferência de Ox para o hospital, supostamente para se submeter a exames de sanidade mental. No dia 14 de outubro de 2003, no entanto, os desembargadores Cármine Savino Filho e Alexandre Varella decidiram pela ida de Ox para a unidade, contrariando o voto do também desembargador Francisco de Assis Peçanha, relator do caso. Cf. “Suspeito está foragido”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 19/01/2004, p. 13.

⁴¹ “Maníaco sexual foragido do Rio é preso no Ceará”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 06/02/1997, p. 21.

⁴² Cf. BRUNO, Adriana e MOURA, Silvia de. Denúncia anônima levou a polícia a Guaraciaba do Norte, cidade onde mora o pai de Marcelo Andrade, *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 06/02/1997, p. 3.

⁴³ O caso foi encaminhado pela Corregedoria da SEAP para a SARE que – com extraordinária demora – não parece ter ainda concluído o inquérito.

vendê-los. Entre os trabalhos, havia peças de Pablo Picasso, Salvador Dali e Claude Monet. Em seguida, Cohen dava as obras como garantia para a obtenção de empréstimos em bancos americanos, cujos valores ultrapassavam US\$ 10 milhões.

Políciais da Interpol estavam procurando Cohen desde fevereiro. O francês teve seu carro interceptado pelos agentes federais, que cumpriam um mandado de prisão expedido pelo Supremo Tribunal Federal para fins de extradição, quando se dirigia ao seu apartamento, em Ipanema.⁴⁴

Os dois casos de resgate – que indicam a vulnerabilidade do Hospital Heitor Carrilho à fatores externos à unidade – e os dois últimos que sugerem que pessoas muito perigosas e ricas estão, às vezes, no hospital devem alertar as autoridades para o problema de segurança pública existente.

Outro aspecto dramático é o temor que os servidores que trabalham naquele Hospital sentem devido à presença de traficantes armados à sua volta. Tiros já foram dados até para o quarto das guardas femininas, sendo que uma servidora quase foi atingida na cabeça. Os buracos das balas de fuzil ainda permaneciam na parede do dormitório no início do semestre passado; quando subi em uma cadeira para olhar o morro, vi um “soldado do tráfico” que vigiava o hospital e a rua da sua “boca”. A servidora solicitava, na época, que fosse posta uma chapa de aço, como as que estavam sendo usadas nas paredes de Bangu 3, para se proteger de disparos de fuzis. Hoje a janela não existe mais. Foram colocados tijolos. As ocupantes do alojamento estão emparedadas mas ainda inseguras.

Em fevereiro de 2005, subi na guarita da PM que fica de frente para a rua União, próximo ao alojamento feminino. Quando afastei a toalha, que o policial colocou na janela, deparei-me com um “olheiro” do tráfico, de camisa amarela (cor da facção ADA) que portava uma arma na cintura. Ele vigiava o manicômio e a rua União, onde perto de um orelhão funciona - já fazem anos - uma “boca” do morro da Mineira. Este olheiro

⁴⁴ BRAGA, Ronaldo. “Acusado de fraudes é preso em Ipanema”, *O Globo*, caderno Rio, 07/05/2003, p.19. Compare com a notícia do jornal *EXTRA*: “O francês Michel Cohen, foragido da justiça dos Estados Unidos, é acusado de fraudes e transações ilegais no mercado internacional de arte *na ordem de US\$ 400 milhões (R\$1,2 bilhão)*.” Cf. XAVIER, José Messias. “Francês é acusado de fraude”, *Extra*, Primeiro Caderno, 05/07/2003, p. 10.

conversava com outro que estava vigiando a subida da rua no trecho que passa ao lado do portão do hospital. Há cerca de dez anos os policiais, que ficavam nesta guarita, subiam por uma escada que dava para a rua União. Como o “bonde” - grupo de traficantes fortemente armados – já passava diariamente por aquela via e, algumas vezes, disparava contra os policiais militares, estes se jogavam da guarita na parte interna do hospital. Houve casos de policiais que fraturaram pernas e braços. Atualmente os PMs vão para suas guaritas pela parte interna da unidade, porque o território que a circunda está militarmente controlado pelos “soldados” do tráfico.

Hoje existe apenas uma guarita – feita de tijolo oco⁴⁵ - na parte posterior do hospital. Lá fica solitário e exposto um policial militar empunhando um mosquetão, que os bandidos chamam de “pau furado”.

O campo está fechado para evitar fugas e invasões. De lá se pode ver – mas é impossível contar – os buracos feitos por tiros de fuzis 762. Existem três ou quatro cães que latiram muito quando atravessei a porta para o campo. Fiquei impressionado. Mas o agente que me conduzia explicou paciente.

- Os cães param de latir quando os tiros começam. Parece que eles têm juízo.

Uma situação ocorrida em fevereiro de 2005 ajuda a compreender o que é um plantão no Hospital Heitor Carrilho. Às 18 horas daquele dia, os traficante deram tiros em direção ao hospital. Uma enfermeira começou a correr, supondo que seria atingida. Um agente habituado com o que se passa, gritou.

- Não corre. Desce agachada e bem junto à parede. (Dessa maneira a moça ficaria protegida pela parede, segundo o funcionário.)

“Pato Roco”, um traficante que se apresenta como dependente químico, está supostamente passando mal na enfermaria. Pedem auxílio.

- Eu não vou subir. Tem oito caras armados apontando para o hospital, escuto o agente penitenciário, desarmado, gritar.

⁴⁵ Em outras palavras, bloquete de cimento armado.

A pessoa com quem eu falava pediu para que telefonasse depois. Mais tarde pôde contar o que passou.

- O que se passava naquela hora?

- Haviam traficantes armados no posto de observação da boca, naquele lugar das fugas do Ox e do Maurício. Fui lá ver.

- Eles estavam atirando?

- Não, só vigiando a área. O guarda foi subindo em direção a enfermaria. Fui atrás, um pouco depois.

- Você viu os oito caras?

- Não, só dois.

- O agente subiu sozinho, por que? Não tem outros que ficam ali na varanda?

- Tinha. Ah, eles fazem uma escala entre eles. Era a vez daquele agente atender. Os outros ficaram vendo TV.

- Mas então não era perigoso subir?

- Era. Mas eles estão resignados. Aqui todos se acham patinhos de parque de diversão. Nós somos os alvos. Ninguém se importa conosco.⁴⁶

1.2.2 Vizinho do inimigo: o caso do Presídio Hélio Gomes

No dia 11 de julho de 2004, após 14 horas, terminou o motim no Presídio Hélio Gomes com a morte de um preso e outras 19 pessoas feridas: os cinco agentes que eram mantidos reféns e 14 detentos.

⁴⁶ Existe um registro da ocorrência desse episódio no livro do plantão médico. Outro incidente dramático está registrado no livro de Ocorrências Diárias da Inspetoria no dia 7 de abril de 2005 – Turma III. “Comunico que por volta das 12 hs. e 30 min. foram efetuados disparos de armas de fogo contra agentes deste SEAP-HH, localizados na parte lateral do pavilhão pericial oriundo do Morro da Mineira”. A comunicação relata que os escaparam dos tiros por terem “se abrigado atrás das pilastras do corredor do pavilhão.” Após os disparos, os meliantes fortemente armados permaneceram na divisão do morro com o manicômio judiciário, “fato este que retrata o dia-a-dia desta unidade hospitalar.” O Memorando nº 043/SE AP/H/ 2005 foi enviado às autoridades com atribuições na área de segurança prisional.

Enquanto a polícia fazia o cerco pelo ar, 10 agentes especialmente treinados do Desipe⁴⁷ invadiam o interior do Presídio e controlavam a rebelião. O traficante Ubiratan Francisco do Couto, o Balancinho, 24 anos, que mantinha o agente João Demerval refém, disparou 12 vezes com uma pistola Glock 45 milímetros contra o helicóptero da Core. Os policiais revidaram e mataram o preso com um tiro de fuzil, que atingiu seu braço e atravessou seu peito.

Demerval, desesperado, jogou-se de altura de quatro metros. Ele foi socorrido por um dos helicópteros, que pousou na Rua Frei Caneca, e levado para o Hospital da PM, no Estácio, com traumatismo craniano.

Antes dos helicópteros chegarem, os presos torturaram reféns. O agente Joel Bastos dos Santos Pita levou um tiro e foi esfaqueado várias vezes pelas costas. Os outros três reféns, levemente feridos, são Leonardo Marques, Carlos Menezes e Juan Carlos Bráz. Os amotinados também agrediram as vítimas com machadinha e chegaram a pendurar um dos agentes de cabeça para baixo.⁴⁸

Este incidente prisional recente está bem vivo na memória daqueles que trabalham no Presídio Hélio Gomes. Quando se percebe que a estas cenas se adicionam os traficantes armados que diariamente vigiam a unidade, seus servidores e presos, do prédio ao lado, é possível compreender o grau de vulnerabilidade com que se convive diariamente.

Na quarta-feira, 2 de fevereiro⁴⁹, ao entrar pela portaria no Presídio Hélio Gomes notei que um ‘olheiro’ do tráfico acompanhava meus movimentos. A sua presença era ostensiva. Os guardas confirmavam que mudanças haviam ocorrido desde minhas visitas no final do primeiro semestre de 2004. Na época, conforme comentei com autoridades da SEAP e conselheiros, era preocupante a invasão do antigo prédio da Manchete. Talvez estivessem presentes no prédio cerca de 200 pessoas. Já existia tráfico de drogas. E presença eventual de traficantes armados.

⁴⁷ Esta foi a primeira ação da equipe criada para intervir em motins nas unidades prisionais. Na época o GIT era composto por 64 homens. O GIT atua principalmente com armas não letais, como balas de borracha, granadas de efeito moral e spray de pimenta. SEAP. *Relatório de gestão –2004*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, p. 90.

⁴⁸ GALVÃO, Eusébio; CAMPOS, Cristiane, BRASIL, Márcia e NOVIS, Roberta. “Ação de cinema encerra motim. De helicóptero, policiais cercam detentos que torturavam reféns no telhado da cadeia. Preso morre e 19 outras pessoas ficam feridas”, *O Dia*, caderno Polícia, 12/07/2004. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/odia/policia/pl120701.htm>

⁴⁹ Neste dia os jornais noticiavam que dois detentos do Presídio Hélio Gomes achavam empresas proprietárias de caminhões dizendo que estavam com os veículos. Cf. “Polícia descobre central telefônica de bandidos”, *O Globo*, caderno Rio, 02/02/2005, p. 18.

Desde então, autoridades da SEAP envidaram esforços para obter controle sobre esta área que faz parte da massa falida da Manchete, hoje sobre controle do Banco do Brasil. Porém a lentidão no processamento dessas negociações e dificuldades jurídicas contrasta com a rapidez com que se consolidou a ocupação da área pelos traficantes armados.

O prédio abriga em fevereiro de 2005 *talvez cinco vezes mais pessoas* – cerca de mil invasores. Na parte da frente, que dá saída para a rua Frei Caneca estão pessoas pobres. Dentre elas, estão algumas que vendem drogas na rua (a “estica”). Há inclusive suspeita que tenta-se difundir o “crack” na área.

Na parte posterior do prédio – através da qual se alcança o morro – está localizada a área de venda de drogas e os “soldados” do tráfico. De frente para a portaria foram feitos dois buracos na torre do prédio ocupado. É um ponto de observação e de combate para os traficantes. De lá será possível impedir, por exemplo, a entrada de reforço do GIT⁵⁰, BOPE, ou outras forças do Estado, em caso de tentativa de fuga ou motim. Dos cômodos do prédio ocupado também se posicionam “olheiros” que estão atentos aos movimentos dentro do presídio e tentativas de entrada no prédio ocupado ou subidas até ao morro de São Carlos por policiais.⁵¹

A proximidade dos traficantes facilita o arremesso de drogas e armas para dentro da unidade ou a exibição de armas, da torre do prédio, para intimidar os agentes penitenciários.

⁵⁰ O Grupo de Intervenções Táticas (GIT) foi criado após o assassinato de um agente penitenciário e a chacina de trinta presos pelo Comando Vermelho na Casa de Custódia de Benfica, no final de maio de 2004. O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio (Alerj), deputado Geraldo Moreira (PSB), que acompanhou as negociações para o fim da rebelião, contou que o agente penitenciário Borgati foi empurrado pelos amotinados e caiu no chão diante da comissão de negociadores. “Em seguida, eles atiraram no agente com uma escopeta. Isso aconteceu justamente no momento em que o fim da rebelião era discutido. Os internos chegaram a disparar até mesmo contra o grupo de negociadores, entre eles o subsecretário estadual de Direitos Humanos, Paulo Baía, e o subsecretário operacional da Secretaria de Segurança Pública, delegado Paulo Souto. Eles saíram correndo e não foram atingidos.” “Presos matam refém em Benfica”, *Tribuna da Imprensa on line*. Acesso em 3 de junho de 2004: <http://www.tribunadaimprensa.com.br/noticia.asp?noticia=pais01>

⁵¹ Em outras palavras, há acesso da entrada da ocupação até a favela de São Carlos. Na invasão existe um local de venda de drogas (uma “boca”) e existe outra “boca” na parte posterior do Presídio Hélio Gomes, de onde são dados tiros contra o presídio.

O agente penitenciário que está localizado na guarita posterior⁵², além de outros agentes, é capaz de contar sobre pancadas que vem do interior do prédio vizinho, o que sugere a feitura de túneis. No entanto, *devido à situação de controle militar pelos traficantes sobre a área não é mais possível que agentes da unidade façam uma investigação sobre o que, de fato, está ocorrendo por lá.* Este tipo de especulação gera insegurança e apreensão entre os que trabalham na unidade.

O policial militar que ocupa a guarita da entrada do Presídio Hélio Gomes está à mercê de um ataque porque um barraco foi construído na altura do seu local de trabalho. Com a finalidade de proteger-se, algum ocupante colocou uma tela. Quando os traficantes armados surgem, o desprotegido guardião desce da guarita.⁵³ Este posto é conhecido nas unidades como “guarita do Bin Laden”, devido aos panos e plásticos que exhibe.

Salas da administração, como a da Classificação e da própria Direção estão na linha de tiro dos traficantes que controlam o prédio da antiga Manchete e a venda de drogas no morro de São Carlos.

Familiares de presos do Hélio Gomes, e um ex-presos da unidade, são vistos na invasão do prédio da Manchete.

Na manhã de quinta-feira, 3 de fevereiro de 2005, houve um alerta de uma unidade do Complexo da Frei Caneca. Quatro presos estariam no telhado, conhecida rota de fuga. Os guardas foram mobilizados rapidamente. Não era, felizmente, no caso, uma fuga. Constaram que o que havia sido visto, da outra unidade, eram quatro traficantes armados com fuzis no topo do prédio da Manchete. Enfim, não era dessa vez que ocorreria uma fuga ou um ataque. Quando será?

A SEAP deveria aumentar o efetivo de guardas na unidade, segundo os servidores que trabalham no Presídio Hélio Gomes. Na sexta-feira, 4 de fevereiro de 2005, haviam 1.076 presos. Em cada uma das cinco galerias, estava apenas um agente. Na portaria, também apenas um agente.⁵⁴ Existe, inclusive, uma guarita no terraço que está desativada porque não existem guardas para ocupar o posto, que foi construído com chapa

52 Em tentativas anteriores de fuga, os traficantes que operam venda de drogas no morro do Zinco atiraram sobre a guarita do Hélio Gomes para desviar a atenção dos guardas enquanto atacavam o Penitenciária Milton Dias Moreira. Na parede, perto da guarita, ainda estão as marcas dos disparos de fuzil.

53 No dia 1 de fevereiro foi ouvido um tiroteio dentro do prédio da antiga Manchete. O que aconteceu exatamente, ninguém sabe. Toda a área do complexo de São Carlos se caracteriza pelo som de disparos de armas de fogo, principalmente a partir das cinco horas, quando as “bocas” passam a funcionar mais intensamente.

54 Nas galerias e na portaria deveriam estar presentes pelo menos dois agentes penitenciários, segundo o regulamento.

de aço para resistir a tiros.⁵⁵ Desta guarita seria possível inclusive monitorar as outras unidades da rua Frei Caneca com alguma segurança, pois há alojamento de relativa qualidade para os guardas.

O problema de fundo, no entanto, é que o Presídio Hélio Gomes está cercado de traficantes armados pelo lado e por trás. Este precisa ser reconhecido como um problema de *segurança pública* que demanda providências *policiais* – em cooperação com a SEAP – para que seja solucionado.

1.2.3 A Penitenciária Milton Dias Moreira: os resgates da era Gangan e o retorno do CV

O complexo penitenciário da rua Frei Caneca, situado no centro do Rio, está circundado por um conjunto de morros que estão dominados, *no início de fevereiro de 2005*, por traficantes de drogas, pesadamente armados, da facção “Amigos dos Amigos”.⁵⁶ Há, porém, no Morro da Mineira, em torno de 30% da área, sob o controle do CV.⁵⁷

Entre junho e julho de 2004, a situação era diferente: havia uma guerra intensa entre facções criminosas. Ocorreram dois importantes resgates de presos pela facção ADA na Penitenciária Milton Dias Moreira. O primeiro foi na madrugada do dia 4 de junho de 2004, quatro dias depois do massacre praticado pelo Comando Vermelho, na Casa de Custódia de

⁵⁵ Seriam necessários dois guardas nesta guarita.

⁵⁶ Desde o início de dezembro de 2004, esta facção conseguiu expulsar o grupo criminoso rival Comando Vermelho do morro da Mineira, que fica atrás do hospital Heitor Carrilho. Supõe-se que hoje a facção ADA seja a mais armada, dispondo de equipamento de combate em grande parte de grupos de policiais que são “amigos” da facção. Investigadores da Delegacia de Repressão a Entorpecentes destacam o poder de fogo da quadrilha de Gangan, líder morto do ADA. Seriam 300 fuzis e duas metralhadoras antiaéreas ponto 30 nas mãos de 500 homens.” Cf. “Uma caçada de quinze anos”, *O Dia*, caderno Polícia, 21/07/2004.

Disponível em: <http://odia.ig.com.br/odia/policia/pl210701.htm>

No momento o ADA controla o complexo de favelas de São Carlos, nos bairros do Estácio e do Catumbi (zona central).

⁵⁷ É uma área mais próxima do Sambódromo. Nas imediações do Hospital Heitor Carrilho está, em fevereiro de 2005, a facção criminosa ADA. Porém, a guerra continua e não existe, no momento, qualquer disposição do CV de abandonar a área.

Benfica, onde um agente penitenciário, que era refém,⁵⁸ foi assassinado na frente da comissão de negociação, composta por autoridades do Estado. Pelo menos, 30 presos foram chacinados pelo CV.⁵⁹

Neste resgate, realizado às 5h49, seis presos serraram as grades da cela no Penitenciária Milton Dias Moreira. Eles seguiram por uma passarela até a Penitenciária Pedrolino Werling de Oliveira, e se encontraram com um preso, que os aguardava fora da cela. Do telhado da unidade, os detentos lançaram uma teresa – corda feita com lençóis – por cima do muro que separa o complexo penitenciário do Morro do Zinco. Comparsas da favela esticaram a corda pelo lado de fora para que os presos não caíssem durante a travessia. O policial militar que estava na guarita tentou impedir a fuga, mas os traficantes do Morro do Zinco atiraram contra ele. Os agentes penitenciários começaram a atirar para o alto, o que evitou que dois presos fugissem. Esses detentos acabaram caindo da corda. Cinco internos fugiram. Outros dois, que acompanhavam o grupo, foram recapturados. Quatro agentes, suspeitos de facilitar a fuga, foram imediatamente afastados.⁶⁰

58 O agente penitenciário Marco Antônio Borgatte, 44 anos, foi morto pelos rebelados. Borgatte era mantido como refém com uma escopeta apontada para a cabeça e tentou aproveitar um descuido de um dos rebelados para fugir. Ele foi baleado nas costas com um tiro de escopeta calibre 12 e caiu na parte de fora do portão, sendo resgatado pelos PMs. Borgatte foi levado para o Hospital Municipal Souza Aguiar, mas morreu durante o caminho. A rebelião teve início após a fuga de 13 presos, que contaram com a ajuda de comparsas, fortemente armados, da Favela do Arará.

59 BORGES, Waleska. “Execuções movidas a pó. Internos cheiravam cocaína e festejavam mortes na rebelião de Benfica”. *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 05/06 2004.

Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/06/05/jorcid20040605010.html>

Ler ainda: Idem: “Torturas eram narradas por celular”.

Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/06/05/jorcid20040605011.html>

⁶⁰ “Presos fogem da Frei Caneca. Cinco detentos escapam após serrar grade de cela. Traficantes atiraram em direção a uma guarita, como aconteceu em Benfica”, *O Dia*, caderno Polícia, 05/06/2004. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/odia/policia/pl050601.htm>; Ler ainda: “Dez feridos em novo motim: Rebelião foi no Complexo da Frei Caneca. Presos protestavam contra a substituição de agentes em greve por policiais militares”, *O Dia*, caderno Polícia, 06/06/2004.

Disponível em: <http://odia.ig.com.br/odia/policia/pl060610.htm> Observação importante: no sábado, 5 de junho de 2004, houve um princípio de motim no Penitenciária Milton Dias Moreira. Estava se iniciando uma greve de agentes penitenciários. Os presos fizeram uma mobilização de protesto supostamente contra a

No dia 18 de julho , por volta de 01:00 h, o traficante Irapuã David Lopes, o *Gangan*, liderou um grupo de cerca de 50 bandidos – oriundos do morro de São Carlos e do Zinco – para resgatar seus comparsas no Penitenciária Milton Dias Moreira.

*Renderam policiais militares do Posto de Policiamento Comunitário do Morro do Zinco, localizado atrás do complexo penitenciário. Eles roubaram três pistolas, dois carregadores e munição levaram-nas para a cadeia. Há informações de que os bandidos teriam usado os uniformes dos PMs para render os policiais que estavam na guarita da cadeia. Os traficantes também jogaram armas para dentro do presídio. Os detentos cerraram uma grade e usaram duas teresas (cordas feitas com lençóis) para fugir pelo muro.*⁶¹ (itálico nosso)

Na ocasião, o coordenador de segurança da Secretária de Administração Penitenciária, Sauler Sakalen, admitiu que o Complexo Penitenciário da Frei Caneca está localizado em “área de alto risco”. Segundo Sakalen, com o crescimento acelerado das favelas no entorno das unidades prisionais, o contato entre os presos e os bandidos do complexo do São Carlos passou a ser até visual.

- A solução para a penitenciária seria a desativação do Frei Caneca com a transferência dos presos - declarou.⁶²

A formulação do problema pelo coordenador de segurança da SEAP é, pelo menos em parte, marcada por sua inserção *institucional*. Como a secretaria a que pertence não tem atribuições de combater o narcovarejo no Complexo de São Carlos, a sua resposta ao desafio imposto pelos traficantes armados é propor a *transferência das unidades prisionais*. Ou como foi *imediatamente* feito fazer retornar à Penitenciária Milton Dias Moreira os

suspensão das visitas. Mais de 30 homens do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope) ocuparam a unidade. O motim foi controlado após onze horas. Oito presos e um policial militar ficaram feridos.

61 ANTUNES, Camilla. “Bandidos atacam cadeia e presos fogem. Cerca de 50 homens armados dão cobertura à fuga de quatro detentos durante rebelião que acabou com dois mortos”, *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 20/07/2004.

Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/07/19/jorcid20040719001.html>

62 “Estado anuncia transferência de presos para 2005”, *Jornal do Brasil*, caderno Rio, 19/07/2004. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/07/19/jorcid20040719003.html>

*presos do Comando Vermelho*⁶³. É a adoção da política penitenciária que supõe que “a facção criminosa adversária que domina o morro faz contenção de fugas e resgates de presos.”

O cidadão deve, porém, perguntar: Não serão estas duas alternativas maneiras de evitar pôr em discussão as relações entre o combate à criminalidade e a vulnerabilidade das prisões, dos que nela trabalham ou lá estão custodiados ⁶⁴?

2 Descontrole estatal sobre a gestão penitenciária no Rio de Janeiro: da privatização do controle interno à vigilância externa de unidades por traficantes armados

A ascensão das facções criminosas no Rio de Janeiro propiciou duas distintas formas de descontrole estatal sobre a gestão prisional. Primeiro, ocorreu uma *privatização* do controle interno das unidades prisionais:

1) pela cooptação das lideranças criminosas pelos gestores num pacto de manutenção de uma “ordem mínima”. É a “gestão partilhada” que marcou o período anterior à expansão do tráfico de cocaína e armas pesadas e ao crescimento acelerado da massa carcerária. É a fase em que as autoridades abdicaram de comandar a disciplina interna e ampliaram a comunicação dos presos com o ambiente externo.

2) pelo controle efetivo das facções criminosas do espaço carcerário e das decisões internas nas unidades propiciado a partir do primeiro governo Leonel Brizola (1983-1986). É período da “gestão por facção consolidada”, que se estende praticamente sem contestação até 2003. É o período da política penitenciária “à cada facção criminosa, sua unidade”.

⁶³ “Estado faz troca de presos entre Frei Caneca e Bangu para evitar resgates”, *O Globo*, caderno Rio, 21/07/2004, p. 17. “Todos os 1.170 presos da Penitenciária Milton Dias Moreira, no complexo penitenciário da Frei Caneca, no Centro, foram transferidos ontem para o presídio de segurança máxima Bangu IV. O secretário estadual de Administração Penitenciária, Astério Pereira, afirmou que a medida foi tomada em resposta à fuga ocorrida na unidade anteontem de madrugada — a segunda em menos de dois meses — com apoio de traficantes do Morro do Zinco, localizado a poucos metros da penitenciária.”

⁶⁴ Desde o retorno dos presos do CV para a Penitenciária Milton dias Moreira, dois detentos foram feridos por disparos de arma de fogo vindo do morro. Não é certo porém que foram disparos propositais oriundos da facção Amigo dos Amigos. A direção da Penitenciária sustenta que foram “balas perdidas”.

Face a esta tendência de perda do controle estatal sobre a gestão *interna* das unidades, foram contrapostas providências político-administrativas por secretarias de governos recentes:

1) a reação do secretário de Segurança Pública Roberto Aguiar, no governo da vice-governadora Benedita da Silva, após a chacina de 11 de setembro de 2002 em Bangu I. A adoção do “regime disciplinar especial” expressa esta mudança;

2) as iniciativas da Secretaria Estadual de Administração Penitenciária, criada pela governadora Rosangela Matheus em 2003, na gestão Astério Pereira dos Santos. No complexo penitenciário de Bangu, as políticas adotadas são norteadas pelo controle das comunicações entre presos e o ambiente externo, retomada do controle sobre a disciplina nas unidades e criação das condições materiais e tecnológicas para a imposição da política do “cárcere duro”, prevista nas modificações da Lei de Execução Penal pela Lei 10.792, de 1º de dezembro de 2003.

A segunda forma de descontrole estatal sobre a gestão do sistema prisional está em andamento desde a segunda metade da década de noventa: é a do colapso da ordem pública nas áreas externas às unidades prisionais. É possível distinguir dois aspectos no agravamento deste problema:

1) a tendência ao resgate de presos das unidades prisionais;

2) a vigilância das unidades prisionais por traficantes armados, em particular no complexo penitenciário da rua Frei Caneca.

3 Recomendações

O estudo destacou a existência de vulnerabilidades no sistema prisional, em particular, em quatro unidades do complexo da rua Frei Caneca que são problemas de *segurança pública*. Ou seja, tem origem em *causas externas, que somadas ao déficit institucional do sistema prisional tornam a gestão das unidades prisionais um problema que não será resolvido apenas a partir de reformas e iniciativas de somente uma secretaria*.

No caso do Presídio Hélio Gomes é urgente retirar os invasores do antigo prédio da Manchete. No caso do Hospital Heitor Carrilho é preciso recolher o entulho da área posterior da unidade e assim re-estabelecer a existência de um muro separando-a do ambiente externo.

No caso das unidades Penitenciárias Milton Dias Moreira e Pedrolino de Oliveira existe *um projeto de reforma das guaritas - que não foi concluído* - para a parte posterior do complexo da Frei Caneca. Faltavam cerca de 1,5 metro de muro e a construção de uma nova guarita. Na nova localização, o guarda teria mais visibilidade e estaria menos vulnerável, na opinião dos responsáveis pela segurança da Penitenciária Pedrolino de Oliveira. A guarita projetada ficaria mais distante das unidades, o que reduziria a possibilidade de contato do preso com o guarda.⁶⁵ Recomenda-se também que o acesso dos policiais militares à nova guarita não seja, por razões de segurança, pelo morro. Poderia ser por um passadiço sobre o muro das penitenciárias Lemos de Brito e Pedrolino de Oliveira. É indispensável fortalecer a guarita com chapa de aço, pelo menos na parte que fica exposta ao morro do Zinco.

O problema de fundo *não* é a localização do complexo da rua Frei Caneca, *mas o domínio militar que detém os traficantes de drogas na região*.⁶⁶ *Por isso, é indispensável à*

⁶⁵ A guarita atualmente abandonada deixaria de existir, o que reduziria a possibilidade de resgate de presos, entradas de armas e drogas. Os agentes penitenciários que trabalham no Pedrolino de Oliveira também ficariam menos vulneráveis a disparos de armas de fogo ou lançamento de granadas.

⁶⁶ Por isso, é espantosa a proposta da Prefeitura do Rio de construção de moradia para policiais militares, e também para outros servidores como *agentes penitenciários*, após a demolição dos prédios do Complexo Penitenciário. Segundo o prefeito, o conjunto seria financiado pela Caixa Econômica Federal, que foi contatada pela prefeitura. O conjunto, de acordo com César Maia, teria de 500 a 700 apartamentos. O valor

afirmação da soberania estatal sobre este território como solução a favor das instituições e da cidadania.

Recomenda-se uma investigação policial sobre os fatos mencionados e que as entidades que participam do Conselho Penitenciário, em particular o Ministério Público, acompanhem a resolução desse problema complexo.⁶⁷

Por fim, neste momento, em que operações conjuntas com forças federais estão em andamento, que seja incluída na agenda *da segurança pública do Estado do Rio de Janeiro* a vulnerabilidade das prisões e daqueles que nela trabalham ou estão custodiados. O Estado não deve simplesmente reagir aos avanços de facções criminosas e incidentes prisionais por elas provocados. É preciso construir uma política *pública de segurança pró-ativa* que impeça que cidadãos, servidores públicos e internos de unidades prisionais sejam vigiados e reféns de traficantes armados.

dos imóveis variaria entre R\$ 35 mil e R\$ 80 mil. A Prefeitura pretendia construir no local um conjunto residencial, com lojas, cinema, teatro, banco e área de lazer. Depois da assinatura do convênio entre o Estado do Rio e a Prefeitura, duas unidades do Frei Caneca foram demolidas (a Escola de Formação de Agentes Penitenciários e o Presídio Nelson Hungria). “Frei Caneca será moradia de polícia”, *Terra – Notícias*, 17/03/2003. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI94512-EI306,00.html>; Ler também: “Frei Caneca será moradia de polícia.” Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/brasil/1130501-1131000/1130640/1130640_1.xml; “Começa demolição do Frei Caneca” *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 04/06/2003, p. C1; CIMIERI, Fabiana. “Maia ataca Garotinho e cancela convênio” *Folha de São Paulo*, caderno Cotidiano, 27/09/2003, p. C1.

⁶⁷ No dia 2 de março de 2005, dois promotores do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro inspecionaram a Penitenciária Pedrolino de Oliveira e constataram a *ausência da Polícia Militar* na guarita que *fica acima do PM2*, que é o abrigo dos agentes penitenciários. Existem documentos nas unidades penitenciárias do Complexo da Frei Caneca sobre o desguarnecimento das guaritas que deveriam protegê-las.

